

ECLESIASTES - INTRODUÇÃO AO ESTUDO

Regina Fernandes Sanches¹

Introdução

O Nome “Eclesiastes” é utilizado por nossas bíblias e vem da Septuaginta. Em hebraico o título é *Coelet* e significa "pregador", "conferencista", referindo-se ao ensino ou ação pedagógica de alguém. O redator era um sábio preocupado em fazer reflexões sobre o sentido da vida, em suas manifestações mais concretas e cotidianas, à luz da observação da realidade e percepção do funcionamento das coisas (12.9-11). A intenção é revelada na própria obra: orientar as pessoas sobre como devem se relacionar com as demandas da vida e as coisas que são mais importantes.

Coelet analisa a vida por meio de comparações daquilo que nela acontece: “Vedes aqui, isto achei, diz o pregador, conferindo uma coisa com a outra para achar a razão delas” (7.27-28). Ao mesmo tempo, ele argumenta que se baseia em experiências vivenciais próprias, mas sempre analisando-as a partir de sua premissa da vaidade. A intenção em toda a obra é argumentar sobre o que realmente vale a pena e que deve priorizar nossas preocupações. Ele investiga sobre qual o sentido das coisas que fazemos e se elas são realmente tão importantes quanto pensamos. Por outro lado, propõe que nos dediquemos à vida que Deus nos deu.

1. O texto

O texto propriamente dito parece tratar-se de uma época posterior à de Salomão (talvez entre 400 e 200 a.C.), mas escrito na linha sapiencial do Antigo Testamento e da tradição salomônica, no entanto, em forma mais desenvolvida. Trata-se de um saber procedente da observação da ordem das coisas, como explica Norman K. Gottwald: [...] representa um modo

¹ Texto acessível em www.tcla.com.br

de ver o mundo baseado em íntima observação e cuidadosa reflexão, num empenho por discernir a harmonia e a ordem substanciais que se percebem serem constitutivas dele².

A datação do Coelet em época tardia se deve à forma altamente desenvolvida da sabedoria que a obra utiliza, apresentando um vocabulário e estrutura das frases tipicamente pós-exílicos. A construção da argumentação também reflete um período mais recente do pensamento de Israel, pois não predomina nela a forma proverbial como nos escritos mais antigos. Luís Sicre defende que é uma obra que reflete um período de crise da sabedoria, juntamente com Jó, mas reconhece-a como benéfica por tratar de uma verdadeira problematização da vida:

O que acontece é que esses dois escritos põem em dúvida a validade dos resultados conseguidos por seus predecessores e se distanciam de seu otimismo. Por isso podemos falar de uma crise da sabedoria. Crise, porém, que é enriquecimento, aprofundamento nas mais graves questões da existência, desejo de penetrar no mistério, luta incansável pela busca da verdade³.

O autor certamente foi um sábio tendente a questionar opiniões e valores de outros sábios de sua época ou anteriores a ela, que eram prováveis defensores da tradição sapiencial. Provavelmente alguém de Jerusalém, atualizado com o seu contexto sócio-histórico e o estilo de vida das pessoas do seu tempo. Ainda assim, identificou seu escrito com o principal nome do movimento sapiencial, Salomão, deixando claro que sua obra compunha o conjunto da tradição sapiencial. Ao mesmo tempo que é uma obra sapiencial o redator faz a crítica ao paradigma de sabedoria vigente, que possuía seus fundamentos na tradição salomônica e era caracterizada pela lei da retribuição. Faz conjunto então com o livro de Jó que segue um raciocínio parecido.

O pregador argumenta que a vida e o seu funcionamento eram mais complicados do que os sábios da época faziam entender e não poderiam ser orientados somente pelo dualismo da corrente de pensamento vigente, reduzindo-a ao dilema do bem e o mal. No pensamento retributivo ou se é justo ou tolo, ou se recebe o bem sendo justo ou o mal sendo tolo. Para

² Norman K. GOTTWALD, op. cit., p. 525.

³ SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes. 1999, p. 276.

Coelet, ser bem sucedido, ter riquezas, ter conhecimento não era sinônimo de estar bem e vice e versa. Correspondendo com Jó o sábio do Eclesiastes não concebia a vida no mundo de modo tão dualista, argumenta Lasor:

... ele protestava contra as generalizações simplistas com que os mestres, seus companheiros, ensinavam seus pupilos a ser bem-sucedidos... As observações deles pareciam superficiais e seus conselhos, pouco densos, num mundo sitiado por luta, injustiça e morte⁴.

O texto é chocante e parece revelar ousadamente o que não desejamos ver, ou seja: a vaidade, o absurdo, a ambigüidade, a ilusão da realidade em que vivemos.

A idéia principal da obra já está apresentada em seu início: "Vaidade de Vaidades, diz o pregador... tudo é vaidade"- (1.2), e da mesma forma a encerra: "Vaidade de vaidade, diz o pregador, tudo é vaidade"- (12.8). Em toda ela o autor não faz rodeios e nem usa de meias palavras, simplesmente diz que nos equivocamos em relação ao que normalmente damos valor na vida.

2. Contexto

Da China à Grécia, nos séculos VI e V a . C, vários sábios e mestres buscaram libertar-se da forma mítica de explicar a realidade, que consistia em explicar aspectos importantes da realidade, como: a origem do mundo, o funcionamento da natureza e seus processos, as origens de cada povo e seu conjunto de valores e práticas. No caso dos sábios judeus o esforço era pela libertação das tradições, como a do sapiencialismo antigo, como única forma possível de compreensão da realidade. Empreenderam então a busca pelo mistério da vida, o seu significado para uma mentalidade humana que não mais se satisfazia com explicações tão simples do mundo. Foi um verdadeiro despertar para uma nova compreensão da realidade, onde se questionava a dor, a morte, o bem e o mal. As velhas fórmulas mágico- religiosas foram

⁴ LASOR, William. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, p. 545.

consideradas ultrapassadas e novas respostas começaram a ser dadas para o problema humano.

A história registra constantes movimentos de revitalização da busca pelo conhecimento da realidade, que se tornaram geradores da cultura humana. Confúcio na China (séc. VI), Sócrates (séc. V) e Platão na Grécia (séc. IV), Buda na Índia (séc. VI) etc., partiram de princípios diversos para refletir a vida, a felicidade humana, o mundo, as relações sociais e éticas, etc.

Mesmo Israel vivendo sua relação com Deus, relatando suas histórias e deixando a impressão de estar desconectada do restante do mundo, expressou sua forma de sabedoria, e não escapou da influência de outras nações, com as quais provavelmente teve contato principalmente em tempos de exílio. Além do contato antigo com a cultura egípcia, Georg Ziener esclarece que já existia uma forma de sabedoria na terra de Canaã, praticada pelos povos que habitavam na região antes da chegada de Israel. Certamente ela influenciou na construção do pensamento sapiencial de Israel, até mesmo porque vários povos cananeus permaneceram entre os israelitas, conforme testemunha o livro de Juízes.

Com Salomão, o movimento sapiencial de Israel se organizou e tomou forma: “[...] logo que Salomão reestruturou o Estado de Israel pelo modelo dos reinos do Oriente Antigo, o interesse pela sabedoria se manifestou também em Israel”⁵. Todavia não era uma forma de saber exclusivo de Israel, mas já o antecedia nas culturas antigas e estava em pleno vigor nos povos contemporâneos dele.

Para Walmor Azevedo a sabedoria está na categoria da arte universal: “A literatura sapiencial não nasceu em Israel. Ela pode ser considerada uma articulação da arte universal da poesia com a fé no Deus único”⁶. José Vílchez Líndez lembra inclusive que a influência dos outros povos sobre Israel não foi somente sabedoria: “A Mesopotâmia, e de modo geral o

⁵ Georg ZIENER, A Sabedoria do Oriente Antigo como Ciência da Vida *In* Josef SCHREINER, **Palavra e Mensagem**, p. 368.

⁶ Walmor Oliveira AZEVEDO, O Homem e a Existência na Literatura Sapiencial *in* **Estudos Bíblicos, Sabedoria**, p. 22.

orientes geográficos, influenciou Israel de modo marcante, fazendo-se presente em todas as suas instituições, de modo particular no Antigo Testamento”⁷.

3. A Vida

Pela via da sabedoria e como seu modo de pensar, Eclesiastes expressa uma teologia da vida que é crítica e realista. Não há na obra intensão de romancear os dias sob o sol, sim de questionar supostos valores que a atualidade do redator atribuía à eles. Sua instrução baseava-se em conclusões retiradas da observação metódica das situações que ele questionava, daí sua reivindicação de veracidade.

A vida é repetitiva!

Ao afirmar que "*tudo é vaidade*" (1.2) o sábio de Eclesiastes adverte sobre as preocupações costumeiras das pessoas, que nem sempre fazem verdadeiro sentido, alegando que tudo é efêmero: o trabalho, a vida humana, a natureza, o conhecimento. Até mesmo a sabedoria é repetitiva. De acordo com ele, as coisas nas quais gastamos tempo e energia, que causam ansiedade, angústia e enfado, são todas passageiras, estão em movimento e não possuem originalidade, pois todos fazem ano após ano e geração após geração as mesmas coisas. Há uma rotina na vida humana da qual não podemos nos livrar, mas não devemos nos iludir com elas como se fossem a razão de vivermos. O trabalho é necessário, mas não pode ser o fim para a vida (1.3), pois ele não é o que de mais importante ela possui.

O pregador também adverte que não somos os únicos no mundo e na história, devemos lembrar disso quando acharmos que a construção do mundo depende unicamente de nós (1.4). Ele argumenta que até mesmo a natureza é repetitiva em seus atos (1.6-7), está sempre em movimento, mas sempre em si mesma, todavia, é belamente indescritível. O conhecimento é repetitivo, o que vemos, ouvimos e conhecemos é sempre a mesma coisa (1.8-10). As

⁷ José Vílchez LÍNDEZ, op. cit, p. 23.

lembranças são passageiras e não perpetuam ninguém de fato (1.10- 11). Ele vê essa repetição como um “fardo humano” (1.13-14, 16-18), mas ao mesmo tempo necessária para a vida.

A saída é compreender o funcionamento da vida, para vivê-la bem. Não podemos simplesmente seguir como autômatos, acompanhar a multidão de viventes e deixar os dias e as horas passarem diante de nós sem nos perguntamos por que fazemos o que fazemos. As respostas talvez nos surpreendam com a falta de sentido de muita coisa que ocupa parte importante de nossa rotina e nos deixa exaustos. A vida não é tão reta quanto imaginamos, com nossos ideais de progresso e desenvolvimento, pois os problemas retornam e até mesmo as soluções nas novas gerações e em outros momentos da história. O que fazer então se até o conhecimento em excesso parece ter sua medida de enfado e pode gerar sofrimento? É preciso atentar para a vida e como a conduzimos, essa é a chamada que ele nos faz.

O que de fato tem valor na vida?

O pensador discorre então sobre as vaidades da vida. Em primeiro lugar ele alega ter buscado nos prazeres e na própria bebida, de modo reflexivo e até laboratorial. Depois ele adquiriu e acumulou para si bens e riquezas, o máximo que pode e mais do que a maioria das pessoas de sua época. Montou um harém, teve muitas mulheres e servos à sua volta e tudo que desejava. Teve momentos de alegria, mas quando buscou o sentido real de tudo o que possuía, era como nuvem que se dissipava no ar. Ele queria algo novo, inédito, buscou na própria sabedoria e achou-a valorosa, mas depois pensou bem e percebeu que tanto o sábio quanto o tolo possuem o mesmo destino, não se perpetuam. Em sua busca o homem sábio então se deprimiu, pois percebeu que não adiantava construir tanta coisa para deixar para outros que não saberiam utilizar: “Desprezei todas as coisas pelas quais eu tanto me esforçava debaixo do sol, pois terei que deixa-las para aquele que me suceder [...] Cheguei ao ponto de me desesperar por todo o trabalho no qual tanto me esforcei debaixo do sol” (2.18, 20). Ao final, ele conclui que o único proveito do trabalho é o prazer e alegria que se tem, quando se tem, ao fazê-lo, como ele mesmo afirma “encontrar prazer em seu trabalho” (2.24). Ele ainda

esclarece que esse prazer de alegrar-se com o trabalho e mesmo de alimentar-se vem de Deus, é dom dele.

Aprendemos com o sábio que o trabalho para acumular riquezas e fama, seja para nós ou para outros, é sempre escravizante e sem sentido. Ocupamos nosso tempo, pensamentos e energia tentando acumular bens, conhecimento, títulos e promoções pessoais. Muitos gastam a vida em busca de coisas que serão usufruídas por outros. Deixamos para trás filhos, pais, cônjuges e amigos em busca de tais riquezas. Passam a infância e a juventude e não as vemos por estar correndo atrás de coisas efêmeras, enfim, deixamos a verdadeira riqueza da vida passar por nós para nos dedicarmos a uma riqueza ilusória (2.24). Isso o sábio do Eclesiastes chama de Vaidade!

Tudo têm seu tempo próprio!

Outro ponto delicado tratado pelo pregador é em relação ao tempo de todas as coisas. Para ele, tudo tem seu tempo próprio, não há atalhos (3. 1-8). O sábio retoma o assunto do trabalho, mas, desta vez, relacionado aos tempos determinados por Deus em sua criação. Destaca, netão, o bem estar que as coisas simples da vida trazem (3. 13) e como Deus é senhor de toda criação (3.14-15).

O sábio não expressa teorias fatalistas, mas deixa claro que não adianta correr atrás de coisas que têm seu tempo próprio para acontecer, isto também cansa o espírito humano e o impede de aproveitar aquilo que é próprio de cada tempo. Deus fez tudo da forma certa e para o tempo certo e devemos nos sujeitar a esta ordem de Deus para a vida humana e para a criação em geral. Somente Deus conhece a eternidade e a vida plenamente. Nós conhecemos por parte e devemos viver a parte que conhecemos e temer a Deus que a tudo conhece. O ser humano é como os animais, não sabe nada da vida e muito menos da eternidade, somente Deus o sabe.

Em nosso imaginário vivemos sempre para um tempo à frente. O futuro é nossa meta constante e investimos muitos esforços nele. A criança não brinca mais, deve fazer cursos e

preparar-se para o futuro, os parques estão vazios da vida, do riso das crianças e da presença dos pais e avós. O adolescente também têm deveres de adultos, deve amadurecer logo e preparar-se para o futuro, não há tempo sequer para as crises próprias de sua idade. O jovem não pode perder tempo, deve buscar oportunidades, entrar no mundo dos negócios, conquistar espaço, adiantar o ingresso na universidade, criar uma empresa, etc.. Queimar etapas é a palavra de ordem. O adulto deve preparar-se para a velhice, conquistar uma boa aposentadoria, deixar bens para os filhos, conquistar status. O idoso se lamenta, pois não tem forças para aproveitar as coisas boas da juventude, faz controle alimentar, a vista já está cansada para ler bons livros e não há como voltar atrás. São ironias da vida que nos levam a perguntar sobre qual é o tempo de cada coisa.

Lendo o Eclesiastes

1. Políticas e trabalho e relacionamentos!

No capítulo III o sábio fala da injustiça e sofrimento a que o povo (seu povo provavelmente) era submetido. É possível que esteja falando dos problemas sócio- políticos pelos quais atravessava a Palestina de sua época, os recorrentes domínios que sofria e a exigência constante de pagamento de altos tributos para seus dominadores. O Reino do Norte havia sido destruído pela Assíria (séc. XVIII) e o Reino do Sul, Judá, havia sido desolado pela Babilônia (séc. XVI), em seguida havia sido dominado pelos persas, depois pelos gregos e quando Jesus nasceu ela estava sob o domínio dos romanos. Quando Eclesiastes foi escrito certamente estavam sob um desses domínios, possivelmente dos gregos.

Em tal condição de domínio o trabalho deixou de ser uma atividade para sustento próprio e desenvolvimento da nação, passando a servir para o enriquecimento de povos que viviam a dominar e escravizar outros tomando posse de suas terras. O profeta Isaías denunciou esse mal e ele quanto aborrece a Deus: “Ai dos que ajuntam casa a casa, reúnem campo a campo, até que não haja mais lugar, e fiquem como únicos moradores no meio da terra!” (Is. 5:8). Trabalhar nessas condições era opressivo, pois o trabalhador não poderia usufruir dos frutos do seu trabalho. Coelet, todavia, argumenta que o oprimido sempre tem quem o console:

Depois voltei-me, e atentei para todas as opressões que se fazem debaixo do sol; e eis que vi as lágrimas dos que foram oprimidos e dos que não têm consolador, e a força estava do lado dos seus opressores; mas eles não tinham consolador. (Ecl. 4:1)

Esta é uma situação recorrente no mundo, que atinge trabalhadores de fábricas, indústrias, minas e mesmo do comércio em geral. O trabalhador dedica grande parte do seu tempo e da própria vida ao emprego, com salários baixos e reduzidas condições de trabalho. As indústrias lucram e enriquecem pessoas, nações crescem e se expandem, mas o trabalhador continua a receber seu ínfimo salário conforme contratado. A pergunta do sábio não é se vale a

pena trabalhar, pois essa é uma necessidade humana, mas se vale a pena fazer do trabalho a razão principal da vida, principalmente diante de tais condições.

Valorizar as relações

Coelet aborda também sobre a vida solitária. Ele argumenta com persuasão sobre a importância de se viver acompanhado. A vida solitária é infeliz, insegura e sem sentido, mas a vida à dois faz bem ao ser humano. Relacionando ao tema do trabalho, ele orienta que não devemos nos dedicar tanto ao trabalho a ponto de não construirmos relacionamentos firmes e saudáveis.

Há um que é só, e não tem ninguém, nem tampouco filho nem irmão; e contudo não cessa do seu trabalho, e também seus olhos não se satisfazem com riqueza; nem diz: Para quem trabalho eu, privando a minha alma do bem? Também isto é vaidade e enfadonha ocupação.

Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho.
(Ecl. 4:8-9)

O trabalho deve ter uma razão de ser. Trabalhamos para sustentar a família e dar à ela moradia, escola, roupas, bons alimentos, etc. Também trabalhamos para nós mesmos, tanto para que possamos ter essas mesmas coisas quanto para nos sentirmos úteis construindo algo significativo. Outra razão pela qual trabalhamos é o desenvolvimento de nossa cidade e do país, afinal, como cidadãos, temos a necessidade de contribuir para a transformação do nosso contexto. A finalidade então é nosso bem-estar, de nossa família e da comunidade que integramos, e trabalho é o meio para alcançarmos isto.

Quando esquecemos a real finalidade pela qual trabalhamos e invertemos a ordem das coisas, colocando o trabalho como finalidade e as demais coisas como meios, inclusive nós mesmos, desorientamos a vida e nossas relações com a família e com a sociedade. Certamente o sistema produtivo do qual participamos com nosso trabalho empreende todos os esforços para nos convencer de que esta é a ordem correta utilizando, muitas vezes, a justificativa da própria família, nos convencendo de que precisamos trabalhar muito para enriquecer e dar

tudo o que nossos queridos “merecem”. Argumentam também que produzindo mais seremos uma pessoa melhor, com maior reconhecimento e valorização.

Conforme o Eclesiastes, nossa valorização como pessoa está na vida que levamos, para isto precisamos nos relacionar com a família, amigos e com a sociedade, deixando boas impressões por onde passamos. Trabalhamos tanto, por vezes alegando deixar posses para nossos filhos, que esquecemos que a melhor posse que ele pode ter são suas memórias conosco, como diz o pregador: “Porque as mesmas riquezas se perdem por qualquer má ventura, e havendo algum filho nada lhe fica na sua mão.” (Ecl. 5:14). Mas as boas lembranças não são somente agradáveis, são também formadoras de caráter, curadoras de feridas e contribuem para um desenvolvimento saudável da pessoa.

É preciso investir nos relacionamentos, amandurcê-los, o que demanda tempo. O pregador menciona como exemplo uma pessoa com muitos filhos, mas se ela não tiver conhecido coisas boas na vida e não tiver quem sequer a sepulte ou chore sua morte, sua vida não teve sentido:

Se o homem gerar cem filhos, e viver muitos anos, e os dias dos seus anos forem muitos, e se a sua alma não se fartar do bem, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é melhor do que ele. (Ecl. 6:3)

O argumento do sábio é apresentado de modo radical, ele quer dizer que certamente essa pessoa se ocupou de várias outras coisas e não daquilo que era realmente importante na vida, pois não aprofundou seus relacionamentos. Certamente ele baseia-se nos costumes israelitas e judaicos de que a vida somente teve real importância se deixarmos uma boa e longa memória, mas isso também se aplica à nossa cultura que possui como raízes além da cultura européia as culturas tradicionais indígenas e africanas, que também valorizam a boa lembrança dos antepassados.

2. Minha vida com Deus!

O pregador agora se volta para os assuntos da fé e comenta sobre a vida devocional com Deus dando uma série de conselhos. Para ele, a tagarelice em relação a Deus, os votos inconsequentes são erros daqueles que não conhecem a Deus. Antes de falarmos tudo o que pensamos devemos pensar o que falamos e agir com bom senso em nossa vida de fé. Não é pela repetição ou pelos muitos sacrifícios que obteremos os favores de Deus, mas pela sinceridade e autenticidade do relacionamento com ele. Devemos respeitar a casa de Deus, ouvir os ensinamentos na casa de Deus, falar a Deus com sabedoria e meditando nas palavras que nossos lábios pronunciam, devemos também somente votar aquilo que, de fato, formos cumprir para não sermos tolos diante de Deus.

A vida com Deus deve ser significativa, não regida por uma série de rituais e obrigações religiosas e doutrinárias. A verdadeira espiritualidade pressupõe o conhecimento de Deus e não é "tola", mas surge de um profundo conhecimento do Criador. Neste caso, não recebemos a benção de Deus por causa do nosso esforço ou por nossas obras. Também não devemos subestimar a Deus, pois ele sabe de todas as coisas, quando nos relacionarmos com ele devemos nos lembrar disso.

O Coelet também ensina que não devemos nos impressionar demais com a opressão política que as pessoas sofrem, porque na realidade todos estão sendo oprimidos uns pelos outros. Há sempre uma hierarquia criada pelo sistema, que é sempre opressor. Não devemos ser inocentes achando que o mal está somente nos indivíduos, mas há uma ordem em que as coisas funcionam e ela opera para si mesma.

Essa ordem não se criou e nem se revitaliza sózinha, mas pelos próprios humanos no decorrer da história. Ela envolve a organização da nossa forma de vida no mundo e abrange sistemas políticos, econômicos, acadêmicos, sociais em geral. O problema é que toda essa cultura humana foi criada e é constatemente revitalizada sob orientação não somente do bem que habita em nós, como humanos que carregam em si a imagem do Criador, mas também do pecado que insiste em prevalecer na condução de nossas vidas. É justamente essa segunda influência que a torna perversa e opressiva, pois é orientada para o egoísmo e não para o amor. O pecado, no entanto, não é uma entidade e sim uma corrupção, por isso não basta exorcizá-lo

do sistema ou de nós mesmos. É preciso fazer opção contra ele e insistir nessa opção pela força do Espírito Santo.

Seguindo com o raciocínio ele comenta que o amor pelas riquezas é insaciável, quanto mais se tem mais se quer. Todavia, quanto mais ajuntamos riquezas menos temos sossego na vida, pois será necessário mantê-las, ele reforça “Doce é o sono do trabalhador, quer coma pouco quer muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir.” (Ecl. 5:12). Por isso, ele exalta a vida simples e o proveito no presente dos frutos do trabalho, que é conduzir a vida de forma sábia.

3. Melhor é a sabedoria!

O texto então passa a exaltar a sabedoria, neste caso, não como o conhecimento intelectual, sim como um conhecimento experimentado da vida. A sabedoria é como sombra que abriga (7.12) e nos refrigera ante o sol escaldante. Ela dá segurança como o dinheiro, mas diferente deste, ela dá vida (7. 12), portanto sua segurança não é falsa e nem perene. Ela também dá poder aos seus possuidores, pois o conhecimento é fonte de persuasão e poder, mas o conhecimento sábio servirá de boa orientação (7. 19). Alcançar a sabedoria não é tarefa fácil, pois ela não está nos livros exatamente, mas na experiência da vida e em sua observação humilde, o que requer tempo (7. 23-24). Seu principal ensino é que o equilíbrio e a moderação devem caracterizar o bom modo de viver (7. 15-18). Certamente os termos que melhor a caracterizam são a sobriedade, a sensatez, o juízo, o bom-senso, etc. Os sábios são aqueles que decidem pela sabedoria.

4. A vida não é simples!

A função do sábio então é interpretar a ordem das coisas, os fatos, o cotidiano, o mundo. Na realidade ele é sempre um bom e prudente intérprete. “Quem é como o sábio? E quem sabe a interpretação das coisas? A sabedoria do homem faz brilhar o seu rosto, e a

duresa do seu rosto se muda.” (Ecls 8:1). Embora exista no Antigo Testamento a função do sábio como uma categoria reconhecida de liderança, todas as pessoas estão chamadas a serem sábias e a compreenderem a realidade da qual fazem parte, a fim de viverem bem nela.

Mas o pregador estava consciente das dificuldades e da incapacidade humana para compreender a complexidade da criação e das obras de Deus no mundo. A sabedoria não é tão simplista a ponto de não perceber que a vida é complexa, pois todas as coisas estão interligadas e são interdependentes. Não há nada, nem ninguém, que esteja completamente só ou não dependa de qualquer outra coisa. Além da dependência uns dos outros dependemos também dos recursos naturais, o que nos coloca em uma relação direta com a terra. Mesmo as relações de poder não são tão simples e nem mesmo com a vida e com a morte. Nem mesmo nossos sentimentos conhecemos com profundidade e muitas vezes eles passam diante de nós despercebidos.

Todos no mundo estão sujeitos a vida, a morte, a dor, etc. A morte espreita a todo que está vivo, por isso, importa a vida e o momento que Deus nos dá (9.9). Diante dessa expectativa da morte ele chama para uma atitude positiva para com a vida, pois é o que temos de concreto e rica em possibilidades:

Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe com coração contente o teu vinho, pois já Deus se agrada das tuas obras. Em todo o tempo sejam alvas as tuas roupas, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça.

Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias da tua vida vã, os quais Deus te deu debaixo do sol, todos os dias da tua vaidade; porque esta é a tua porção nesta vida, e no teu trabalho, que tu fizeste debaixo do sol. Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.” (Ecl. 9:7-10).

Ele se queixa, todavia, que nem todos querem ouvir os conselhos do sábio, principalmente se ele for pobre, mas adverte que isso é loucura, pois pela sabedoria podemos salvar nossas vidas da morte. Entre os poderes do mundo, o poder da sabedoria é o maior de todos, ainda que não seja reconhecida, pois ela pode livrar da destruição.

5. Vivendo bem!

Os últimos conselhos do sábio envolvem o compartilhamento e o espírito solidário. Repartir é a ordem e não acumular bens, pois não se sabe acerca do futuro: “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. Reparte com sete, e ainda até com oito, porque não sabes que mal haverá sobre a terra.” (Ecl. 11:1-2). Neste caso, não se trata de uma retribuição em seu sentido restrito, mas dos resultados positivos de se fazer o bem.

Ele alerta que também não devemos ficar presos a aparentes condições favoráveis para investirmos em coisas boas em e que farão bem, pois poderão não surgir. Conhecemos pouco das coisas e precisamos ter esperança de que tudo funcionará bem e nosso trabalho será exitoso. Também devemos estar conscientes de que a vida não é feita somente de alegrias, devemos estar preparados para as tristezas que ela nos reserva e lidarmos com tudo sabiamente.

O pregador admoesta acerca dos tempos de juventude ou de ápice de nossa energia física. Devemos saber aproveitar, sem dar espaço às loucuras que podem nos destruir. A alegria da vida jovem deve ser valorizada, a paixão e mesmo aquela pressa de que tudo aconteça, mas é preciso lembrar que Deus pedirá contas de tudo o que fizermos, portanto, mesmo nesta época da existência não devemos desprezar a sabedoria.

Alegra-te, jovem, na tua mocidade, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade, e anda pelos caminhos do teu coração, e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas te trará Deus a juízo. Afasta, pois, a ira do teu coração, e remove da tua carne o mal, porque a adolescência e a juventude são vaidade. (Ecl. 11:9-10).

6. O envelhecimento, a morte!

A idade avançada traz cansaço e enfado, já não possui a energia da juventude, a paixão e nem as expectativas. O corpo dói de envelhecido que está, e as coisas que eram importantes

já não são mais. O contentamento passa a ser refinado, exigente, todavia, há outras satisfações, entre elas a sabedoria, conquista preciosa da idade, presente do tempo.

A morte é inevitável, um encerramento daquilo que é próprio da vida, como ele descreve:

Antes que se escureçam o sol, e a luz, e a lua, e as estrelas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva; no dia em que tremerem os guardas da casa, e se encurvarem os homens fortes, e cessarem os moedores, por já serem poucos, e se escurecerem os que olham pelas janelas; e as portas da rua se fecharem por causa do baixo ruído da moedura, e se levantar à voz das aves, e todas as filhas da música se abaterem.

Como também quando temerem o que é alto, e houver espantos no caminho, e florescer a amendoeira, e o gafanhoto for um peso, e perecer o apetite; porque o homem se vai à sua casa eterna, e os pranteadores andarão rodeando pela praça; antes que se rompa o cordão de prata, e se quebre o copo de ouro, e se despedace o cântaro junto à fonte, e se quebre a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu. - (Ecl. 12:2-7)